



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

# revista fsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 6, art. 13, p. 246-264, nov./dez. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.6.13>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## A Coesão Textual em Histórias em Quadrinhos: Uma Proposta de Leitura

### The Textual Cohesion in Histories in Quadrinhos: A Reading Proposal

#### Helena Maria Ferreira

Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade de São Paulo  
Professora da Universidade Federal de Lavras  
E-mail: [helenaferreira@ufla.br](mailto:helenaferreira@ufla.br)

#### Táisa Rita Ragi

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Lavras  
E-mail: [taisaragi@gmail.com](mailto:taisaragi@gmail.com)

#### Yago Marshal Alves Leandro

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Lavras  
E-mail: [yagomarshal@gmail.com](mailto:yagomarshal@gmail.com)

---

#### Endereço: Helena Maria Ferreira

Universidade Federal de Lavras – UFLA – Departamento de Estudos da Linguagem - Câmpus Universitário, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000 • Lavras/MG Brasil.

#### Endereço: Táisa Rita Ragi

Universidade Federal de Lavras – UFLA – Departamento de Estudos da Linguagem - Câmpus Universitário, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000 • Lavras/MG Brasil.

#### Endereço: Yago Marshal Alves Leandro

Universidade Federal de Lavras – UFLA – Departamento de Estudos da Linguagem - Câmpus Universitário, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000 • Lavras/MG Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 17/06/2019. Última versão recebida em 04/07/2019. Aprovado em 05/07/2019.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

O presente artigo elege a coesão textual como objeto de estudo. Nesse sentido, o objetivo precípua deste estudo é discutir o processo de construção da coesividade em textos que pertencem ao hipergênero Histórias em quadrinhos. Para a consecução do objetivo proposto buscou-se desenvolver uma pesquisa teórica acerca do surgimento das histórias em quadrinhos e de suas contribuições para os processos de ensino e aprendizagem. Além disso, buscou-se propor atividades didáticas relacionadas aos gêneros discursivos tiras de humor, charge e meme, com vistas a ilustrar as ocorrências de relações textuais que constituem a organização e os usos das produções multissemióticas e que podem orientar a interpretação e evidenciar projetos de dizer. A partir dos estudos empreendidos, constatou-se a necessidade de se ampliar os estudos acerca dos mecanismos de coesão em textos que conjugam diferentes semioses, uma vez que, em uma perspectiva enunciativa, os recursos constitutivos dos textos apresentam-se em relação com as dimensões linguístico-semióticas e discursivas.

**Palavras-chave:** Coesão textual. Histórias em Quadrinhos. Textos Multissemióticos. Leitura.

## ABSTRACT

The present article selects textual cohesion as the object of study. In this sense, the main objective of this study is to discuss the process of construction of cohesiveness in texts that belong to the hypergenic comics. In order to achieve the proposed goal, we aim to develop a theoretical research about the emergence of comic books and their contributions to the teaching and learning processes. In addition, we present a proposal of didactic activities related to the discursive genres of humor, cartoon and meme strips, in order to illustrate the occurrences of textual relations that constitute the organization and the uses of the multisemiotic productions and that can guide the interpretation and evidence of projects of tell. Based on the studies carried out, we verified the need to expand the studies about the mechanisms of cohesion in texts that combine different semioses, since, in an enunciative perspective, the constitutive resources of the texts are presented in relation to the linguistic-semiotic and discursive.

**Keywords:** Textual Cohesion. Comics. Multisemiotic Texts. Reading.

## 1 INTRODUÇÃO

Se considerarmos que o estudo da linguagem deve ser dimensionado a partir dos/nos contextos dos processos de produção, circulação e recepção dos textos, precisamos implicar a interação entre os sujeitos. A linguagem, nessa perspectiva, se funda em um processo histórico contínuo, que faz dela não um produto pronto e acabado, mas que vai se construindo e se constituindo a partir dos usos que os sujeitos fazem dos diferentes enunciados escritos, verbais ou mesmo desenvolvidos em outras materialidades semióticas.

Assim, o estudo da coesão, perspectivado em uma abordagem discursiva, implica considerar que um texto, visto como enunciado, “precisa ter um autor que possua um projeto discursivo, ou seja, vai-se além das formas da língua, apesar de não as anular, uma vez que os enunciados são materializados pela linguagem” (LIRA, 2016, p. 193). Desse modo, as relações propostas pelos autores para a construção dos processos de referenciação e dos processos de sequenciação são decorrentes de escolhas realizadas e evidenciam uma orientação valorativa. É nesse sentido que Mondada e Dubois (2003, p. 17) atestam que “[...] os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”.

Nessa direção, consideramos que a análise de uma produção textual, mais especificamente dos processos de coesão, não pode ficar circunscrita a uma perspectiva linguístico-textual, uma vez que tais processos assumem natureza discursiva nas interações sociais. Assim sendo, a coesividade está intrinsecamente relacionada às dimensões discursivas, pois os enunciados são produzidos por sujeitos que se constituem na/pela linguagem.

Essa perspectiva é assumida por Heine (2015, p. 174).

Considera-se o texto como evento dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc). Assim compreendido, apresenta-se constituído de *duas camadas que se imbricam mutuamente*: a camada linguístico-formal, que consiste dos princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos e semióticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) que vão alicerçar a construção desses sentidos.

Após contextualizar a perspectiva teórica por nós adotada, propomo-nos, neste artigo, discutir o processo de construção da coesividade em textos que pertencem ao hipergênero

Histórias em quadrinhos. A noção de hipergênero é dada por Ramos (2006) e direciona-se para o fato de as histórias em quadrinhos contemplarem diferentes subgêneros, tais como: charges, histórias em quadrinhos, cartuns, memes, gifs, tiras de humor, tiras em sequência etc.

Assim, este trabalho assume relevância no sentido de promover possibilidades de exploração da coesão em textos multissemióticos, uma vez que o trabalho com esse fenômeno em sala de aula tem sido predominantemente centrado no texto verbal. Partimos do pressuposto de que é possível analisar os mecanismos de coesão em quaisquer produções, mesmo não instanciados por marcadores linguísticos, pois esse fenômeno, em uma perspectiva enunciativa, pode se efetivar por meio de diferentes recursos. Assim, uma análise da organização arquitetônica da articulação dos diferentes recursos coesivos dos textos em relação aos aspectos multimodais, em que semioses (cores, formas, sons, movimentos, tipos de letra, fonte, distribuição gráfica do conteúdo, etc) se entrelaçam significativamente na organização do conteúdo temático em conjunto com a linguagem verbal, pode contribuir para os percursos interpretativos.

Para a compreensão da coesão textual em histórias em quadrinhos, partimos de uma contextualização acerca da história desse hipergênero e de seus usos em sala de aula, seja na dimensão das contribuições para o ensino, seja para a discussão sobre a estrutura e o funcionamento dos textos. Além dessa compilação teórica, este artigo apresenta uma análise dos processos de coesão em textos multissemióticos, pertencentes ao hipergênero histórias em quadrinhos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Breve histórico das HQs e o ensino

Antes de discutirmos a coesividade nas histórias em quadrinhos, consideramos relevante contextualizar o surgimento desse hipergênero e discorrer sobre suas contribuições para o ensino da língua portuguesa.

Os primeiros registros imagéticos foram atribuídos aos homens primitivos, que imprimiam nas paredes das cavernas representações de certos eventos de suas vidas, não apenas em um nível histórico, de registro, mas também com certa finalidade cultural. Contudo, devido à evolução das sociedades e do pensamento abstrato, as imagens tornaram-se limitadas para acompanhar essa evolução. Começou a surgir, então, a escrita simbólica, inscrita em superfícies mais maleáveis e leves, tais como os hieróglifos, por exemplo.

Posteriormente, a representação do mundo passou a se dar a partir de alfabetos assentados sobre as características fonéticas da linguagem. Esse evento marca, então, a grande evolução da escrita, permitindo, assim, que a população representasse elementos e fenômenos do mundo que os desenhos não conseguiam abordar diretamente. (FURLAN, 1984; VERGUEIRO, 2012).

Com a constituição da escrita, surge a imprensa, e partir disso, amplia-se a circulação das HQs. Tais produções passam a ser consideradas como uma comunicação de massa, em função das possibilidades de produção de sentido e de mobilização do interesse por parte dos leitores. Com isso, as HQs tiveram um forte poder econômico e comercial nessa época. Aparecendo cada vez mais nos jornais americanos, com mais vigor, essas histórias cômicas, satíricas, moveram as editoras a expandirem o terreno temático e de conteúdo dessas histórias, originando os comics books.

Como esses comics books abordam histórias fictícias e, muitas vezes, fantasiosas, atraíam um público mais jovem e infantil. Esse público mergulhava nas páginas dessas revistas e acompanhavam fielmente as edições lançadas, cada vez mais. Foi então, por esse motivo, que começaram a surgir as críticas ao gênero.

Estudiosos de psicologia, as famílias de alta posição social e a comunidade escolar começaram a entender que as histórias dos quadrinhos, algumas vezes, não atendiam aos preceitos axiológicos defendidos pela sociedade, ou seja, os valores morais e intelectuais da sociedade (principalmente da norte-americana, que foi o cerne dessas discussões). As instituições religiosas também acusaram esses textos de não estarem de acordo, ou de serem contra os dogmas e doutrinas das igrejas (principalmente, aquelas de cunho cristão). Então, segundo Feijó (1997), as revistas em quadrinhos foram condenadas por desenvolverem desvios e anormalidades no comportamento dos jovens que liam os contos com elementos imagéticos. Exemplos dessa atribuição, para ilustração da situação, eram que os quadrinhos do Batman incitavam ao relacionamento homossexual, ao mesmo passo que os comic books do Superman faziam com que os jovens se atirassem das janelas das edificações.

Em resposta a esse impasse, por pressão da sociedade, foi criada uma espécie de “código de conduta” para a produção desse material. Esse código estabelecia certas normas e ditava o que poderia, ou não, estar representado nas páginas das revistas em quadrinhos. Acredita-se que, com isso, as editoras ficaram limitadas no sentido de explorar determinados conteúdos temáticos, de realizar determinadas críticas e produzir determinadas imagens, o que, recorrentemente, trouxe prejuízos para a produção de um texto crítico tal como potencializado pelo gênero. (FEIJÓ, 1997).

Posteriormente, no final do século XX, com o avanço das ciências humanas, sociais e culturais, as HQs ganham uma nova conotação, e começa-se, então, a explorar os aspectos ideológicos, discursivos e pragmáticos desse gênero. Entendeu-se que as grandes críticas feitas a esses textos eram substancialmente rasas, sem o devido embasamento, já que as teorias psicológicas não sustentavam os apontamentos feitos contra esse artefato cultural. Com isso, os quadrinhos passaram a ser amplamente utilizados com fins pedagógicos, como por exemplo, o catecismo, o exemplo de moral e conduta valorizados por uma comunidade, e até mesmo para treinamento de soldados das forças armadas. Porém, as histórias em quadrinhos não eram publicadas como materiais didáticos.

A inserção da linguagem dos quadrinhos nas salas de aula se deu inicialmente de forma sutil, ocupando algumas lacunas de atividades e explicações dos livros didáticos que antes eram ocupadas por textos escritos. Contudo, diante dos resultados positivos dessa articulação, os quadrinhos foram, paulatinamente, conquistando o cenário escolar, e foi-se percebendo que essa forma de linguagem tornava o ensino mais dinâmico e agradável. Com isso, as HQs estão cada vez mais presentes nas páginas dos livros didáticos, chegando ao ponto de serem previstas nos documentos pedagógicos que fornecem as diretrizes da educação nacional, como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a BNCC (Base Nacional Curricular Comum).

Complementando o exposto, Vergueiro (2008, p. 26) apresenta que as HQs, em sala de aula, eram muito utilizadas

Para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação.

O autor destaca ainda que os usos das HQs nas aulas eram mais voltados para um trabalho com os conteúdos didáticos, sem atentar-se para as especificidades desse gênero e sem uma orientação metodológica capaz de considerar outros aspectos relevantes para a análise das potencialidades trazidas por esse tipo de texto.

Nesse âmbito da discussão, sobreleva-se ainda a questão do uso irrefletido das HQs ou de seus usos de forma excessiva. Para Rama e Vergueiro (2012, p. 21),

Quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial,

televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes.

Nessa direção, a escolha do gênero histórias em quadrinhos como objeto de ensino, no âmbito do ensino de língua portuguesa, deve ser motivada pelas contribuições que esse gênero traz para o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e de escrita, para a aquisição dos multiletramentos, pois conjuga linguagem verbal e linguagem não verbal, o que propicia o contato com a multissemiose. A constituição dos quadrinhos se dá por meio de textos multimodais (modalidades falada, escrita, visual-imagética) e multissemióticos (conjugação de imagens, palavras, sons, cores, representação de movimentos, etc), o que acaba por exigir habilidades linguísticas e discursivas diferenciadas.

Discorrendo sobre os usos educacionais das HQs, Freire (2002, p. 312) pontua que:

A montagem da história, a organização de sua trama em quadros sequenciais, a elaboração do texto, o uso de recursos expressivos e gráficos próprios das HQs podem se transformar em uma interessante atividade de leitura e escrita. O uso educacional e/ou terapêutico desse tipo de gênero depende, certamente, de concepções a respeito do que vêm a ser ler e escrever.

No âmbito das concepções sobre a atividade de leitura e escrita, consideramos necessário destacar que tais atividades, concebidas sob a perspectiva discursiva, pressupõem um autor/enunciador que ao falar/escrever, constrói seu discurso em função de um ouvinte/leitor. Trata-se de um processo de interação no qual o leitor, o autor e o texto interagem entre si, seguindo objetivos e necessidades socialmente determinadas. Assim, nesse diálogo interlocutivo, o sujeito, ao produzir ou ao ler um enunciado “ocupa simultaneamente uma posição ativa e responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente) completa-o, aplica-o, prepara para usá-lo, etc” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Nesse caso, as atividades de leitura e escrita deverão explorar tanto as dimensões linguísticas quanto as dimensões extralinguísticas do texto, contemplando o contexto de produção (quem produziu, quando, onde, por que, para quem, para circular em que veículo, em qual suporte, etc), o conteúdo temático (o que o texto diz relacionado com o autor, com o momento histórico e com seus possíveis interlocutores, ou seja, verificando a necessidade de dizer o que foi dito naquele contexto de produção), a construção composicional (reconhecendo o gênero que organiza o texto e sua esfera social de produção) e o estilo (atentando para a seleção lexical, o estilo do autor, as marcas linguísticas, a forma de organização do enunciado).



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vieira e Ferreira (2017, p. 181) comentam que, no processo de leitura de textos multimodais, os recursos semióticos devem ser analisados e não meramente descritos. “Imagens, cores, tipos de letras, diagramação, juntamente com informações ao texto verbal, são elementos importantes para a construção de uma coerência global para a leitura, pois carregam valores e isso exige habilidades leitoras específicas.”

Ao considerar, de modo mais específico, as histórias em quadrinhos, vale destacar que esse gênero congrega elementos que precisam ser articulados para uma adequada compreensão do texto: título, balões, falas, metáforas visuais, onomatopeias, linhas cinéticas<sup>1</sup>, enquadramento, cores, estereótipos, etc. Nessa direção, os mecanismos de textualização se efetivam não apenas por meio da linguagem verbal, mas também por meio das diferentes semioses que constituem a materialidade textual.

A partir dos estudos empreendidos para a realização deste artigo, depreendemos que as HQs apresentam como contribuições:

- a) Incentiva a leitura, pois a combinação de diferentes semioses desperta a atenção dos sujeitos-leitores;
- b) Incentiva a produção textual, principalmente, em uma época em que o acesso aos diferentes recursos visuais facilita o trabalho de ilustração, irrompendo com a resistência decorrente da dificuldade de desenhar;
- c) Dinamiza o estudo dos mecanismos/recursos indiciadores de sentidos (palavras, imagens, cores, balões, linhas cinéticas, metáforas visuais, expressões e gestos, enquadramentos, sequenciação, etc);
- d) Explicita as diferenças e as similitudes das modalidades e das práticas de linguagem e seus contextos de usos;
- e) Possibilita a comparação entre a função social dos gêneros que constituem o hipergênero HQ (charge, HQ, tiras, cartuns, memes, gifs, etc).
- f) Propicia uma análise das estratégias para a produção de humor;
- g) Proporciona um estudo dos projetos de dizer dos produtores, seja em relação à crítica/denúncia social, seja em relação ao entretenimento;
- h) Viabiliza a discussão dos mecanismos de textualização em textos multissemióticos, cujos mecanismos para a construção das articulações e da progressão temática se efetivam por meio de diferentes recursos;

---

<sup>1</sup> Indicadores de movimentos compostos por metáforas visuais que ajudam a compreender o que os personagens estão sentindo ou fazendo.



- i) Favorece uma discussão acerca da natureza dos enunciados, seja em relação à visão de mundo e às orientações apreciativas dos sujeitos, seja em relação às respostas suscitadas nas/pelas interações;
- j) Possibilita o desenvolvimento de habilidades de leitura necessárias para a formação de leitores críticos, tais como o reconhecimento de sentidos implícitos, ironias, metáforas etc.

Diante do exposto, podemos destacar que, de acordo com as competências específicas das linguagens para o ensino fundamental da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o ensino de língua portuguesa deve viabilizar práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação” (BRASIL, 2018, p. 63)

Nessa direção, as HQs podem assumir um papel formativo devido ao fato de que o sujeito-aluno, nas interações propiciadas pelo ambiente escolar, deve aperfeiçoar habilidades e competências relacionadas aos usos das linguagens, em diferentes contextos. Assim, a leitura das HQs, textos multissemióticos, por excelência, pode favorecer a formação de leitores capazes de compreender e interpretar as diferentes semioses constitutivas dos textos, que circulam na sociedade da informação. Além de despertar o interesse dos alunos, as HQs podem favorecer a formação de sujeitos críticos, dada a exploração de sentidos implícitos e de abordagem de problemas do cotidiano social.

### **3.1 Leitura de Histórias em quadrinhos: uma proposta**

Nas seções a seguir, apresentamos uma proposta de leitura de HQ, com ênfase na análise dos mecanismos de coesão textual. Com vistas a traçar uma abordagem na perspectiva dos gêneros discursivos, consideramos que, antes de uma análise mais específica dos mecanismos de coesão textual, é necessária uma abordagem que permita ao aluno reconhecer os contextos de produção, de circulação e de recepção dos textos. Além disso, consideramos relevante analisar as dimensões do conteúdo temático e dos projetos de dizer. Para ilustrar a constituição da coesividade em textos multissemióticos, desenvolvemos três atividades, em que buscamos analisar as relações textuais em uma perspectiva enunciativa.

## Atividade 1: Calvin

## Texto 1 – Tiras de Calvin



Fonte: <http://depositodocalvin.blogspot.com/2005/11/calvin-haroldo-tirinha-189.html>

1ª Etapa – Levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero =>. Os alunos serão convidados a falarem o que sabem sobre as histórias em quadrinhos, em quais ambientes esses textos costumam circular, com qual finalidade e objetivo e se eles já tiveram alguma experiência com esse gênero nas aulas de português, ou nas aulas de outras disciplinas, e se sim, como foi essa experiência.

2ª Etapa – Leitura inicial - Feita uma discussão inicial para ativação dos conhecimentos prévios sobre o conteúdo do texto. =>. Nessa etapa, pode ser realizada uma discussão sobre o enredo, sobre as estratégias para a construção do humor e sobre a lição de vida possibilitada pela tira.

3ª Etapa – Análise dos mecanismos de coesão - A análise pode partir dos personagens e das escolhas linguísticas e semióticas para a construção dos referentes. A palavra “mãe” é representada pelas pernas de uma mulher e pela figura de uma mulher. O personagem Calvin é representado pela imagem de um menino e retomado por alguns pronomes (me, eu, você) e pela elipse. O referente tigre é articulado ao nome “Haroldo”, ao pronome “ele”, à expressão “meu melhor amigo”, ao pronome “esse” tigre. A construção “esse tipo de coisa” refere-se às situações semelhantes ao roubo do tigre. Além disso, há o emprego do termo “problema” para se referir à situação vivenciada pelo personagem, o pronome “ele” que o retoma, o pronome “que”, para retomar “nenhum problema tão terrível”. Soma-se às questões abordadas, a repetição do termo “mãe”, que desvela uma forma de dizer própria da modalidade oral, que se caracteriza como uma estratégia para chamar a atenção do personagem-interlocutor. O emprego da conjunção adversativa “mas” também contribui para a construção da narrativa e para a apresentação da problemática.

A partir da análise dos mecanismos de coesão, consideramos pertinente destacar que a referenciação não é ligada ao objeto em si. O personagem Calvin, com suas diferentes expressões faciais e movimentos corporais, desvela escolhas do produtor para a construção de um projeto de dizer. O personagem Calvin foi sendo gradativamente construído ao longo da história, conforme a perspectivação do personagem. Em cada quadro, o personagem apresenta-se um outro (embora seja o mesmo). Nessa direção, é possível entender a referenciação como uma atividade discursiva (KOCH; MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2005), na qual o processamento do discurso é realizado por sujeitos ativos. Assim, há, por parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. Esse processo diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Desse modo, o sujeito, na interação, “opera sobre o material linguístico [ao qual acrescentamos o semiótico], que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer”. (KOCH, 2005, p. 34). Sob essa perspectiva, o ato de referenciar pode explicar por que a linguagem não espelha a realidade “pura”, mas reflete a “realidade” criada pela percepção cultural do falante. Nesse sentido, podemos considerar que os processos de referenciação constituem-se como escolhas do sujeito em função de um querer dizer. Os referentes são concebidos como objetos-de-discurso, que não se confundem com a realidade material, mas (re)constróem-se no próprio processo de interação. Essa construção “deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 5). Assim, ao analisar o fenômeno da coesão na tira em questão, é relevante considerar que os personagens Calvin e a mãe são construídas a partir de um querer dizer, por isso pressupõe escolhas por parte do produtor, mas que são reconstruídas pelos leitores. A construção da personagem mãe, no 2º e no 3º quadrinhos, se diferencia e isso é aferido pela articulação entre linguagem verbal e visual. Por meio dos gestos, das expressões faciais e dos discursos são construídas as imagens de Calvin e da mãe. Calvin e a mãe foram retomados por diferentes personagens, adquirindo variados status, conforme a perspectivação das personagens.

Se, no caso do pronome “ele”, a retomada é neutra, já que não possui conteúdo nocional, esse não é o caso das referenciações lexicais, pois, geralmente, essas têm uma forte função argumentativa (APOTHÉLOZ, 2003, p.58). As escolhas lexicais também desvelam estratégias para o querer dizer: o emprego da palavra “cachorrão” e da expressão “tudo quanto é canto”, que cumprem o papel de dar ênfase ao que é dito. Em nossa história, a articulação

das diferentes semioses visa a incrementar, modificar e ampliar o olhar do leitor para Calvin, alvo da trama, ou seja, não se trata simplesmente de um menino, é um menino que vai se construindo como um personagem que faz progredir a história.

Nessa direção, Cavalcante (2013, p. 105) pontua que o processo de construção dos referentes implica considerar que “o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.”

Considerando que o objetivo precípua deste artigo é analisar a questão dos usos dos mecanismos de coesão, podemos destacar que a repetição do personagem, com as mesmas vestimentas, representa uma estratégia de manutenção temática. Somam-se a isso as expressões faciais, que são condizentes às situações descritas, o que evidencia uma articulação que favorece a construção da coerência. Assim, o enfoque a ser dado pelo professor pode ser direcionado para o fato de que a coesão também é construída a partir de elementos visuais.

Atividade 2: Edibar

### Texto 2 – Tiras de Edibar



Disponível em: <https://www.altasrisadas.com.br/busca/tirinhas-do-edibar/>

O texto a seguir foi publicado no site Altas Risadas e produzido por Lucio Oliveira. A história em quadrinhos tem como principal personagem o boêmio Edibar, que ama cerveja, casado com a sua esposa Edimunda.

1ª Etapa – Levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero => Os alunos serão convidados a fazerem uma pesquisa sobre a série de quadrinhos do Edibar e sua família e discutir sobre os temas que são, recorrentemente, abordados pelo produtor nessa série.





1ª Etapa – Levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero => Os alunos serão convidados a realizarem uma pesquisa sobre o gênero charge, considerando suas características composicionais e seus objetivos comunicativos.

2ª Etapa: Leitura prévia – Descrição dos recursos linguísticos e semióticos constitutivos da charge. Os alunos deverão considerar os meios de circulação das charges, destacando os suportes em que esse gênero normalmente é veiculado, sua função social, bem como as estratégias de organização.

3ª Etapa: Análise da coesão – Os alunos poderão fazer o levantamento dos recursos de coesão. Nesse sentido, a análise pode tomar como ponto de partida o texto verbal. Assim, algumas questões podem ser problematizadas pelo professor: a expressão “meu filho” toma como referente o menino (representado na imagem), “um dia” expressa uma dimensão temporal não marcada, “tudo isto” é representado pelo lixo e “seu” retoma o referente “menino”. Diante disso, “a expressão referencial é uma estrutura linguística utilizada para manifestar formalmente, na superfície do texto (ou seja, no cotexto), a representação de um referente” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 28). No entanto, consideramos que a referenciação não fica restrita à estrutura linguística. A imagem possibilita a construção dos personagens (pai e filho) e do referente (lixo). O gesto do pai (braço em sentido indicativo) e a posição e o olhar indiciam o movimento de apontar para algo e isso também contribui para a construção do referente de “tudo isso”. O balão indicia a fala do pai, ou seja, constitui-se como um referente para a indicação de fala em HQ, o que exclui a necessidade de uma apresentação por meio de recursos linguísticos ou tipográficos, como acontece, muitas vezes, no texto escrito. Na charge, a articulação entre a linguagem verbal e imagética se efetiva, recorrentemente, como uma proposta de leitura, cabendo ao leitor construir as articulações.

Cabe destacar que o acúmulo de materiais (na montanha de lixo) denota um discurso hiperbólico, marcado pelo exagero, que assume a função de dar ênfase às propostas do projeto de dizer. O conjunto de materiais não apenas se relaciona ao “tudo isso”, mas também indicia sentidos, uma vez que acentua o teor da crítica feita pelo produtor.

O uso de cores vivas pode sugerir não somente a atualidade temporal do descarte, mas também serve de estratégia para chamar a atenção do leitor. Desse modo, o uso de cores também contribui para a construção da referenciação.

Nesse mesmo viés, as expressões faciais dos personagens (pai e filho) também se articulam às demais semioses para o processo de construção de sentidos. Assim, o entusiasmo

do pai e a decepção do filho são indiciadores para a compreensão da crítica social proposta pelo produtor.

Nessa direção, salientamos o que destaca Koch (2004, p.18) sobre a coesão: “[...] pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Considerando o contexto multissemiótico, destacamos que a articulação entre constituintes de um texto sobrepõe-se à dimensão linguística e se estende para a dimensão semiótica.

Para Heine (2015, p. 179), uma análise da coesão, em uma perspectiva enunciativa

passa a considerar os elementos semióticos no processo de referenciação, tendo como argumento a concepção de texto enquanto evento linguístico-semiótico, o que possibilita a ocorrência de elementos verbais e elementos não verbais atuarem como âncora textual ou como objetos de discurso, referentes processados não somente a partir da camada linguístico-formal, mas também da camada histórico-ideológica, que envolve, em especial, o conhecimento de mundo do interlocutor (HEINE, 2011), construídos a partir da interação discursiva.

Dimensionada na perspectiva destacada, o estudo da coesão se consubstancia nas/pelas diversas articulações possibilitadas pelo projeto de dizer dos produtores, consideradas as dimensões verbais, imagéticas e contextuais, bem como os sujeitos-interlocutores que (re)constróem sentidos e concretizam interações.

Atividade 4: Nazaré Tedesco

#### Texto 4 – Meme



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/341429215492540320/>



O texto 4 circula em redes sociais e não apresenta autoria explícita. Essa é uma das características do gênero meme.

1ª Etapa – Levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero => O professor poderá preparar uma apresentação (aula expositiva, com uso de powerpoint) sobre o gênero meme, levando em consideração os modos de organização/funcionamento e os usos sociais desse gênero que circula de modo quase exclusivo em ambientes digitais.

2ª Etapa: Leitura prévia – Análise de alguns memes (selecionados pelo professor) para discussão sobre o conteúdo temático, o estilo de linguagem, as funções comunicativas, etc.

3ª Etapa: Análise da coesão – Os alunos poderão fazer o levantamento dos recursos de coesão. A análise pode partir de uma discussão sobre o fato de o meme apresentar, com recorrência, uma imagem já conhecida pelos interlocutores, que traz algumas referências sobre o personagem representado. No caso em tela, a figura da personagem Nazaré Tedesco, da novela *Senhora do Destino*, produzida pela rede Globo, em 2004. A vilã, interpretada por Renata Sorrah, escolhida para o meme, além do efeito de humor, possibilita um argumento de autoridade, já que a personagem é conhecida pelas suas afirmações categóricas. A leitura do meme pressupõe alguns conhecimentos prévios sobre o contexto da personagem e a sua característica de possuir certa confusão mental. Nesse contexto, Heine (2015) considera que o processo de coesão e coerência se efetiva também a partir de signos icônicos, que se imbricam com os signos verbais, munidos de valores axiológicos.

No âmbito dos mecanismos de coesão, podemos destacar que a repetição da personagem em outros memes se configura como uma relação intertextual, que é característica dos memes. Na dimensão linguística, o emprego do pronome “meu” (meu sonho) se associa à personagem apresentada por meio de imagem, mas pode suscitar um “discurso coletivo”, que é assumido pelas pessoas que compartilham o meme em suas redes sociais. Além disso, a expressão “daquelas pessoas bonitas” sinaliza para uma indeterminação de “pessoas bonitas”, já que o referente não é tão preciso. O pronome “que” assume a função de pronome relativo, assumindo a função de substituição.

Dada a característica informal dos memes, o emprego do conector “aí” tece a articulação com a parte anterior, evidenciando uma transcrição de um discurso direto. A expressão “todo mundo” representa um nome genérico e sugere a ideia de quantidade. Para além dessas questões, a reprodução das falas possíveis nos comentários aparece sinalizada pelo uso de aspas, que possibilita ao leitor associar cada fala a um possível interlocutor. Nessa direção, os mecanismos de coesão escolhidos pelo produtor do meme em questão sinalizam

para uma adequação dos processos de articulação, uma vez que tais comentários são típicos desse tipo de interação, que é estabelecida em redes sociais. O uso de gírias, estrangeirismos, frases feitas constitui escolhas lexicais que garantem a adequação da linguagem ao gênero e à situação sociodiscursiva.

A partir desses quatro exemplares, buscamos ilustrar os mecanismos de coesão em HQ. Embora reconheçamos a diversidade de abordagens possíveis quando se trata dessa questão, esperamos ter demonstrado que a análise dos recursos de coesão não pode ser realizada de modo dissociado das dimensões discursivas, uma vez que um gênero discursivo precisa ser concebido como um todo e considerar essa unidade pode facilitar o percurso interpretativo por parte dos sujeitos leitores.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos empreender uma discussão acerca dos usos dos mecanismos de coesão em textos multissemióticos, mais notadamente, nas HQs. Assim, buscamos sistematizar algumas discussões sobre o surgimento das histórias em quadrinhos e sobre as suas contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem. Dada a natureza deste artigo, não se buscou teorizar sobre os mecanismos de coesão, mas analisá-los em práticas de linguagem em histórias em quadrinhos.

Desse modo, foi possível constatar que a análise dos mecanismos de coesão, dimensionados em uma perspectiva discursiva, demonstra que as relações entre elementos/recursos linguístico-semiótico-discursivos não podem ser consideradas de forma dissociada, uma vez que esses elementos/recursos se configuram como basilares para o processo de produção de sentidos e para a qualidade das interações entre os sujeitos.

Ao tomarmos o hipergênero histórias em quadrinhos como objeto de análise, pudemos constatar que o estudo da coesão demanda um tratamento mais aprofundado de modo a garantir um redimensionamento teórico, com vistas a considerar os inúmeros mecanismos constitutivos dos textos.

Analisar a coesão, sob o ponto de vista enunciativo, possibilitou antever que o estudo da coesão não pode ficar restrito à dimensão linguística, uma vez que os textos que circulam na sociedade da informação são constituídos por diferentes semioses, que estabelecem relações, indiciam sentidos e des/re/velam projetos de dizer.

Nessa direção, reiteramos que as propostas de atividades didáticas, que integraram este artigo, se prestaram a ilustrar possibilidades de encaminhamentos metodológicos a serem

ressignificados pelos professores, de modo a viabilizar práticas educativas que contemplem as relações textuais e contextuais intrínsecas aos textos multissemióticos, o que poderá contribuir para a formação de leitores mais proficientes e mais reflexivos.

## REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BEGUELIN. M. J. Construction de la référnce et strategies de designation. **Tranel 23** – Du syntagme nominal aux objets-de-discours, 1995, p. 227-271.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Ministério da Educação. Brasília: MEC. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Língua Portuguesa - Ensino Fundamental, Anos Finais**. Brasília, DF: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 7 mar. 2018.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

FEIJÓ, M. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FREIRE, F. M. P. O trabalho com a escrita: a produção de hqs eletrônicas. **Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE – UNISINOS**, 2002. Disponível em: < <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/192>>. Acesso em 10 out. 2018.

FURLAN, C. HQ e os “Syndicates norte-americanos”. In: LUYTEN, Sonia M. (org.). **Histórias em quadrinhos** – leitura crítica. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

HEINE, L. M. B. Aspectos da Língua Falada. **Revista (con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 6, n. 7, p.196-216, jan. 2012.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**. São Paulo, v. 14, p. 169-190. 1998. (n. especial).

KOCH, I.V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

LIRA, A. F. Considerações sobre análise de gêneros do discurso a partir de seu cronotopo. In: RODRIGUES, R.H.; PEREIRA, A. P. (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016, v. 1, p. 191-209.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RAMA, A; VERGUEIRO, W, *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, P. **Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ROJO, R; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A. VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2008.

VIEIRA, M. S. P; FERREIRA, H. M. O letramento multimodal nas práticas sociais de leitura: potencialidades para a ampliação dos multiletramentos. In: MAGALHÃES, T; SILVA-GARCIA, A; FERREIRA, H. (Org.). **Concepção Discursiva de Linguagem: ensino e formação docente**. Campinas, São Paulo: Pontes Editora, 2017, v. 1, p. 107-128.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

FERREIRA, H. M; RAGI, T. R; LEANDRO, Y. M. A. A Coesão Textual em Histórias em Quadrinhos: Uma Proposta de Leitura. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n. 6, art. 13, p. 246-264, nov./dez. 2019.

Contribuição dos Autores	H. M. Ferreira	T. R. Ragi	Y. M. A. Leandro
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X